

## Alguns desafios para continuar sendo professor de música na Educação Básica<sup>1</sup>

Inês de Almeida Rocha<sup>2</sup>  
Colégio Pedro II  
[ines.rocha2006@hotmail.com](mailto:ines.rocha2006@hotmail.com)

**Resumo:** O ensino de música em escolas de Educação Básica oferece alguns desafios que ora apresentam-se com dimensões nunca antes previstas, ora mostram a mesma faceta de antigos problemas. Como lidar com essa dualidade no cotidiano da vida escolar? A partir de minha vivência como professora de Educação Musical em Instituições de Educação Básica no Rio de Janeiro, apresento aqui algumas reflexões sobre práticas pedagógicas musicais. Busco trazer elementos para a troca de ideias e, talvez, provocar novas reflexões tendo como base quatro eixos que norteiam a ação pedagógica do educador musical na atualidade: ser professor, ser pesquisador, ser músico e ser produtor musical.

**Palavras-chave:** Ensino de Música; Educação Básica; Professor de Música; Práticas Pedagógico-Musicais; Cotidiano Escolar.

**Abstract:** The teaching of music in schools of Basic Education offers some challenges that now present themselves with dimensions never before foreseen, or show the same facet of old problems. How to deal with this duality in the daily life of school life? From my experience as a teacher of Music Education in Basic Education Institutions in Rio de Janeiro, I present here some reflections on musical pedagogical practices. I seek to bring elements for the exchange of ideas and, perhaps, to provoke new reflections based on four axes that guide the pedagogical action of the musical educator in the present: to be a teacher, to be a researcher, to be a musician and to be a musical producer.

**Keywords:** Music Teaching; Basic education; Music teacher; Pedagogical-Musical Practices; Everyday School.

**Resumen:** La enseñanza de música en escuelas de Educación Básica ofrece algunos desafíos que se presentan con dimensiones nunca antes previstas, ya que muestran la misma faceta de antiguos problemas. ¿Cómo lidiar con esa dualidad en el cotidiano de la vida escolar? A partir de mi vivencia como profesora de Educación Musical en Instituciones de Educación Básica en Río de Janeiro, presento aquí algunas reflexiones sobre prácticas pedagógicas musicales. En el caso de que se trate de una persona que no sea de su familia, no es la primera vez que se trata de una persona.

---

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado em Mesa Redonda no V Simpósio de Educação Musical e V Encontro de Monografias da UFRJ/II Simpósio de Educação Musical da UFG, promovido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela Universidade Federal de Goiás no ano de 2012. Na ocasião não foi possível viabilizar a publicação na íntegra do texto. Agradeço à Profa. Dra. Harley Elbert e ao Prof. Dr. João Miguel Bellard Freire por autorizarem a publicação do artigo na íntegra

<sup>2</sup> Professora e Coordenadora de Educação Musical do Colégio Pedro II – *campus* Centro desde 1993. É Doutora em Educação (UERJ), Mestre em Música (CBM-CEU), Especialista em Educação Musical (CBM-CEU). É professora colaboradora permanente do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM) da UNIRIO. Tem textos publicados na área de História da Educação Musical, Educação Musical, Educação, História da Educação, Música e Musicologia Histórica. Integra o naipe de soprano do Coro de Câmara da Pro-Arte.

**Palabras clave:** Enseñanza de Música; Educación básica; Profesor de Música; Prácticas pedagógicas-musicales; Cotidiano Escolar.

## Introdução

“A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: —“Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.” (SARAMAGO, 1997, p. 387)

A metáfora da viagem, que o escritor José Saramago nos traz, parece-me interessante para pensar questões do cotidiano da vida do professor de música. A cada ano, ao iniciar o período letivo nos deparamos com promessas de novidades, alunos desconhecidos, colegas que chegam à instituição renovando o quadro de docentes, eventuais mudanças físicas nos espaços, mas também constatamos que enfrentaremos uma rotina repetitiva que tende a ser desmotivadora. Pode-se pensar que se é inevitável “recomeçar a viagem, sempre”, a trajetória pode tornar-se menos penosa se ao nos encontrarmos com cada nova turma, buscarmos “ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, (...) com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava”. A repetição de ações, de assuntos, de problemas, de busca de soluções é uma realidade sempre. Mas acredito que é possível e é “preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles”. Esse é um dos desafios da atividade de um professor: lidar da melhor forma possível com a rotina cotidiana, tornando-se uma tarefa prazerosa.

Nem todos os profissionais, todavia, conseguem se relacionar bem com a rotina e os problemas que professores encontram em sala de aula. A verdade é que, depois de muitos anos trabalhando na Educação Básica, pude observar que vários colegas preferem deixar as atividades pedagógicas para se dedicarem a tarefas burocráticas e administrativas. Os motivos são diversos. Muitos professores ficam com dificuldades de se relacionar com os alunos devido ao desgaste provocado pela convivência, por problemas institucionais não solucionados, por dificuldades quanto às condições ideais de trabalho, por não se adaptarem a mudanças de valores que as novas gerações trazem. Alguns colegas sentem-se atraídos pela possibilidade de acréscimo salarial oferecido por

uma função gratificada, pelo afastamento de tensões do cotidiano da sala de aula, ou pelo prazer que algumas pessoas sentem exercendo cargos de poder como coordenação e direção.

Como um professor pode manter-se motivado para permanecer desenvolvendo atividades significativas, produtivas e gratificantes em sala de aula?

Longe de chegar a uma resposta definitiva no espaço deste texto, a partir de minha vivência como professora de Educação Musical em Instituições de Educação Básica no Rio de Janeiro, tenho como objetivo apresentar algumas reflexões sobre práticas pedagógicas musicais, na expectativa de contribuir com elementos para a troca de ideias nessa Mesa Redonda e, talvez, provocar novas reflexões. Minha exposição não apresenta resultados de pesquisas. São tão somente observações, ideias para debates e propostas para se pensar alguns desafios do cotidiano escolar.

Há outro aspecto importante para as reflexões sobre o cotidiano do ensino de música em escolas de Educação Básica: ora os desafios apresentam-se com dimensões nunca antes previstas e ora os desafios mostram-se como sendo a mesma faceta de antigos problemas. Como lidar com essa dualidade no cotidiano da vida escolar?

Sendo assim, apresentarei alguns pontos que considero relevantes sobre esses desafios e, para desenvolver minhas ponderações, organizei meu relato em quatro eixos que, considero importantes e que percebo como norteadores da ação pedagógica do educador musical na atualidade: ser professor, ser pesquisador, ser músico e ser produtor musical.

## **Desafios: mesma faceta, novas dimensões**

Eis a boa filosofia: tudo é viagem. É viagem o que está à vista e o que se esconde, é viagem o que se toca e o que se adivinha (SARAMAGO, 1997, p. 199)

Para pensar o cotidiano escolar, podemos ter em mente o que o autor nos apresenta ao falar de viagem. Observar o que é mais superficial, mas também depreender o que não é tão perceptível. Se, quando nossos colegas fazem comentários sobre fatos de seu dia a dia escolar, parece que estamos ouvindo as mesmas reclamações de sempre, podemos depreender dessas falas, outras dimensões, novas questões e perspectivas.

Se pensarmos nas condições de trabalho, ouvimos colegas se queixarem do grande número de alunos em sala de aula, da carência de material didático disponível, dos espaços físicos precários, da falta de carteiras escolares, das infiltrações em sala de aula,

das condições acústicas inadequadas, da ausência de instrumentos musicais, da desmotivação dos alunos, dos problemas de saúde dos professores decorrente do desgaste e tensões do trabalho, enfim as frases e palavras são sempre as mesmas. Por mais esforços que sejam feitos, eles não suprem as necessidades e a imagem que prevalece é que os investimentos em equipamentos e recursos na educação são sempre insuficientes.

Outro problema é a desvalorização profissional com a qual o professor lida diariamente, marcada pelo baixo salário que recebe e pela imagem de sua profissão na sociedade, já que o professor não é mais visto com a mesma importância de outrora. Nas últimas décadas, diversas redes têm lidado com movimentos grevistas em luta por melhores salários. É um processo que desencadeia um grande desgaste nas relações profissionais e na imagem do professor perante a sociedade. Uma saída que alguns profissionais buscam para compensar os salários insuficientes é a dupla, ou até tripla jornada de trabalho. Se por um lado, o professor que faz essa opção consegue um aumento em sua renda mensal, a sobrecarga de trabalho compromete seu desempenho e o tempo que poderia dedicar à uma formação continuada. São problemas antigos, questões já conhecidas que permanecem.

Por outro lado, podemos afirmar que não poderíamos imaginar, há algumas décadas atrás, que questões antigas atingiriam dimensões nunca antes previstas. Poderíamos prever que a desvalorização do professor chegaria a tal ponto de constatar-se pouco o interesse pela profissão e mudança radical no perfil dos alunos que procuram cursos de licenciatura? As relações entre alunos e professores também mudaram. Se outrora o professor era mais valorizado financeiramente, admirado e, por vezes, idolatrado, hoje em dia, em alguns espaços escolares, ele é visto por seus alunos como um mero empregado, cujo salário é inferior à mensalidade que ele paga para estudar no estabelecimento.

O professor de música encontra outro tipo de desvalorização perante os colegas de outras disciplinas que são consideradas mais importantes no currículo. Por mais que se perceba que os colegas consideram o trabalho do professor de música como singular na formação dos alunos, nem sempre a disciplina Música tem o mesmo peso que outras disciplinas. Atualmente valoriza-se muito a música como se ela fosse a solução para os mais variados tipos de problemas psicológicos e sociais. Tenho a impressão que as pessoas consideram que a simples prática musical, tocar um violino ou um tambor, por exemplo, vai solucionar magicamente todos os problemas sociais. Esse seria o lugar privilegiado

do professor de música? O professor de música não teria espaço ao lado de outras disciplinas curriculares?

Não gostaria que essas observações fossem consideradas como um painel de lamentações, mas como questões para as quais não devemos fechar os olhos e sim vê-las como desafios a serem superados. Para não parecer apenas pessimista, lembro que os desafios também se apresentam com novas facetas, pois nem tudo é continuidade. Se o cotidiano escolar sempre esteve receptivo a novas tecnologias, a informática trouxe novas dimensões e velocidades que interferem nas práticas educativas. A crescente facilidade de aquisição de computadores, tablets, iphones, garantem uma acessibilidade à informação e a novas modalidades de ensino e aprendizagem à distância que mudam totalmente as dinâmicas que podem ser estabelecidas em sala de aula, contribuindo para uma aprendizagem de melhor qualidade e significado, em meu entendimento. As jovens gerações chegam à escola com um grande domínio das novas tecnologias de informação. Esse fato não pode ser desconsiderado, tanto na formação de novos professores, quanto nas dinâmicas que se estabelecem no ambiente escolar. Nesse quadro, cria-se uma demanda de novos saberes que o professor precisa dominar. Para o educador musical as novas ferramentas disponíveis, softwares, plataformas, sites, redes sociais, dentre outros, chegaram para facilitar o acesso a registros sonoros, informações, jogos que, embora exijam uma autonomia que nem todo o estudante tem, esses dispositivos ampliam e melhoram as condições do fazer musical expressivo.

Lidar com a dualidade antigos desafios/novos desafios significa mais um desafio a ser superado. Como enfrentar antigos e novos desafios que a atualidade nos apresenta? Como formar profissionais para atuar em Educação Musical com múltiplas especialidades que possam habilitá-lo a conviver com tranquilidade com antigos e novos desafios que a profissão apresenta?

Como um caminho possível a ser percorrido nessa viagem, no curto e desprezioso espaço que o presente texto se propõe, pretendo pensar os quatro eixos que considero serem síntese das formas de atuar do educador musical na Educação Básica, por acreditar que uma boa formação profissional, inicial e continuada, e uma postura diferenciada em relação à rotina escolar pode garantir condições melhores para o educador musical exercer sua profissão.

## **Ser professor**

O estudante de música informal pode copiar padrões de jazz de gravações, perguntar aos amigos sobre digitações e padrões de acordes, aprender por imitação – ‘sentando-se perto de Nelly’ – ou ampliar a experiência musical assistindo à televisão, escutando rádio ou explorando lojas de discos. A educação formal pode não ser necessária, embora para alguns esses sistemas formais possam ser de acesso cruciais. Para outros, a contribuição da educação institucional para a sua educação musical pessoal poderá ser negligente e, inclusive, negativa. Para muitos outros, senão para a maioria de todas as áreas dos currículos das escolas, muitas desejáveis e fáceis avenidas alternativas de acesso à música estão abertas. (SWANWICK, 2003, p. 50-51)

Keith Swanwick, educador inglês cujas ideias tiveram sensível acolhida no Brasil, utiliza a metáfora de caminhos abertos, avenidas que possibilitem o acesso à expressão musical ao se referir ao trabalho do professor de música. Se essa pode ser a única via de acesso a uma vivência expressiva em música para alguns, para outros, dependendo de como seja essa ação, pode representar uma experiência negativa para a formação do aluno. Pensemos nesses aspectos para tratarmos da dimensão de ser professor em si.

Atualmente o professor de Educação Musical se depara com uma grande diversidade de atuações, seja quanto à clientela que atende, seja quanto aos espaços nos quais atua, seja nos objetivos educacionais que deve contemplar. Esses diferentes espaços, alunados e objetivos exigem características diversificadas, além de saberes e habilidades para esse profissional. De uma forma geral, podemos dizer que ele deve ser um profissional capaz de orientar, motivar, estimular, desenvolver talentos, estabelecendo um processo de aprendizagem que lance questões para que o aluno possa buscar soluções e ampliar seus conhecimentos. Para um melhor relacionamento com os alunos é importante que o professor possa equilibrar diferentes perfis, ou seja, que ele possa ter bom humor, ser amigo, ser rigoroso quanto ao desempenho do aluno, mas que possa ser flexível quando necessário.

O domínio do saber musical é imprescindível. O profissional que consegue equilibrar o domínio de conhecimentos como músico e o domínio de conhecimento sobre as técnicas e saberes relacionados à pedagogia musical, tem maiores chances de ser valorizado pelo aluno e de exercer sua profissão, estando mais apto a criar situações de aprendizado significativo para os estudantes. Sendo assim, não basta ser um bom músico, há que ter domínio das técnicas e instrumentos pedagógicos. Sendo enfática e prescritiva, se me permitem, ousar dizer que o professor deve ter um bom conhecimento de diferentes metodologias de ensino, deve saber fazer um bom planejamento, deve dominar técnicas de avaliação, deve saber produzir material didático atraente e de qualidade. Importa também ter um olhar crítico para diferentes abordagens e diversificadas formas de se

relacionar com a música de modo a oferecer ao aluno condições e oportunidades para se expressar musicalmente.

## **Ser pesquisador**

É isto que o viajante tem andado a tentar: aprender a ver, aprender a ouvir, aprender a dizer (SARAMAGO, 1997, p. 152)

O cotidiano escolar demonstra que o professor deve ter um perfil de pesquisador. Como o viajante de José Saramago, é mister aprender, ver, ouvir e dizer. Dentre as ações que um professor deve estar envolvido, o exercício constante de reflexão sobre sua própria prática pedagógica, utilizando metodologias e técnicas de pesquisa para compreender melhor o universo no qual atua e encontrar soluções para questões que o aflige pode ser importante hábito para o professor atual. Dependendo do tipo de questão com a qual se depara, o educador pode estabelecer um diálogo com diferentes áreas, seja a pedagogia, a sociologia, a psicologia, a filosofia ou a história para compreender a realidade e melhor desenvolver sua prática pedagógica.

Outro aspecto referente à dimensão de pesquisador é a possibilidade que essa atividade oferece como um meio de formação continuada. Estar atualizado quanto às pesquisas realizadas pelo meio acadêmico, pode facilitar a elaboração de estratégias para lidar com diferentes demandas, questionamentos e reflexões que a prática pedagógica cotidiana desperta no professor atento e sensível. Produzir novos conhecimentos a partir de sua experiência com os alunos pode, também, representar uma importante contribuição para a área e para sua própria formação profissional.

## **Ser músico**

O método específico de ensino não é tão importante quanto nossa percepção do que a música é ou do que ela faz. Ao lado de qualquer sistema ou forma de trabalho, está sempre uma questão final – isso é, realmente, musical? Existe um sentimento que demanda caráter expressivo e um senso de estrutura naquilo que é feito e dito? (SWANWICK, 2003, p. 58)

Parece uma constatação óbvia, mas a música deve sempre estar em primeiro plano na ação de um educador musical, seja para desenvolver a musicalidade dos seus alunos, seja para manter sua própria prática musical. Um professor de música precisa investir em sua formação como músico, pois essa é a base de sua prática pedagógica. Não há como ensinar o que não se conhece. Para ensinar música, portanto, há que ser músico.

O músico deve, entretanto, desenvolver especificidades que auxiliam a atividade pedagógica e para tanto, é necessário um equilíbrio dentre diferentes habilidades. É

recomendável que um professor de música tenha domínio de um instrumento melódico e um instrumento harmônico, assim como ter noções de instrumentos eletrônicos, de cordas, teclas, percussão e canto. O cotidiano escolar também exige que ele tenha habilidades como arranjador, harmonizador, improvisador e compositor.

Esses conhecimentos não são estáticos, uma vez apreendidos não é mais necessário voltar ao estágio inicial da experiência e formação musical. Porém, um músico precisa sempre estar em contato com o fazer musical para manter técnicas adquiridas, atualizar conhecimentos e ampliar saberes. Considero, sobretudo, que é bastante profícuo quando um professor de música busca transformar os diversos ambientes escolares em que atua, como locais genuínos de práticas musicais que incluam os alunos e ele próprio. Não há como aceitar afirmações daqueles que consideram que a sala de aula da Educação Básica não é um espaço no qual o professor não possa fazer música de qualidade. Aquele que diz que prefere outros espaços porque em sala de aula ele não pode ser músico está equivocado em sua prática pedagógica. Se ele próprio não faz música na escola, quem irá fazer? Algo está errado nessa perspectiva. Todos os espaços podem ser considerados como espaços férteis para abrigar música expressiva e que proporcione prazer estético e ser de qualidade, seja lá o que se considere como tal.

## **Ser produtor musical**

Procura a arte onde ela está [...] e em todos os lugares faz as mesmas perguntas: que é isto? Quem fez? Que quis dizer? Que medo foi o seu ou que coragem? Que sonho para realizar amanhã? (SARAMAGO, 1997, p. 126)

Para que fazemos música? Em alguns momentos fazemos música para nós mesmos, mas também fazemos música para outras pessoas ouvirem. O músico clama por seu público. A interação entre intérprete e a plateia é algo que não pode ser desprezado na prática musical de todos os alunos. É uma experiência rica e deve ser encaminhada com zelo, cuidado e significado.

Elaborar, conceber, planejar, produzir apresentações musicais, buscar financiamentos, procurar espaços para os alunos tocarem e ouvirem músicos tocando, divulgar os eventos musicais realizados na escola com os alunos e para os alunos são tarefas que aproximam o professor de música de atividades de um produtor musical. Envolver os alunos nesse processo pode ser enriquecedor e um excelente aprendizado para eles. Assim possibilitamos contato com outras tarefas que as práticas musicais



envolvem. Quando o aluno participa dessas etapas, conhece um universo que nem sempre é percebido pelo ouvinte.

## **Desafio, o estímulo maior**

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.<sup>3</sup>

O presente texto transitou entre tensões e possíveis soluções. O maior desafio, contudo, parece ser o que José Saramago apresenta na epígrafe de seu livro *Ensaaios sobre a Cegueira*. Muitos profissionais passam uma vida inteira sem se dar conta que diante de si está um aluno, que é preciso olhar, ver e reparar, para só então, avançar no próximo passo. Acredito ser essa uma premissa da ação pedagógica e penso que todo o professor deveria pensar nessa frase a cada dia que entra em sala de aula. Como um mantra. Porém, penso ser importante ter cautela para que esse movimento de olhar o aluno não cegue sua percepção e ação do aluno passe a ser a única detentora todo o poder. Na relação, no diálogo, penso, que se constrói o equilíbrio. Por outro lado, o professor não pode se deixar levar pela rotina e parar de observar seu aluno. Eles mudam com o tempo. Novas gerações chegam, com novos valores, novos hábitos, novos problemas, novas dificuldades se apresentam e precisamos estar atentos às novas questões que se revelam. Muitas vezes precisamos respirar fundo, nos reinventar, sermos mais flexíveis sem perder a noção de limites que precisam ser respeitados por ambas as partes, professor e aluno. Precisamos estar sensíveis às mudanças e nos adaptarmos a elas, com sabedoria e prudência. A metáfora de retornar a um ponto fictício já percorrido, parece continuar fazendo sentido. Então, em um movimento cíclico de retorno, concludo com palavras iniciadas nesta exposição:

É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomençar a viagem. Sempre (SARAMAGO, 1997, p. 387).

## **Referências**

- SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997  
SARAMAGO, José. *Ensaaios sobre a cegueira*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002  
SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

---

<sup>3</sup> Epígrafe do livro: SARAMAGO, José. *Ensaaios sobre a cegueira*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002.